

Torcedores athleticanos: identidades e músicas em jogo¹

Allan de Paula Oliveira²
Felipe da Silva Camargo³
Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

Resumo

O estudo das torcidas de futebol no Brasil tem sido um tema de interesse acadêmico nas Ciências Humanas e Sociais nas últimas décadas, porém, a influência das músicas nos rituais dos grupos tem sido um tema pouco explorado. Este artigo, fruto de um estudo etnomusicológico de uma dissertação ainda em desenvolvimento, lança um olhar para as performances musicais e busca explorar as suas aplicações nas torcidas do Club Athletico Paranaense dentro de seu estádio. A pesquisa propõe uma análise interpretativa do torcedor como um agente complexo, dentro de uma massa torcedora, utilizando a ideia sobre a identidade na pós-modernidade de Stuart Hall e o processo civilizador de Norbert Elias. Como resultado, o artigo evidencia um jogo de tensão e controle sobre os comportamentos, mesmo em um ritual festivo nas arquibancadas.

Palavras-chave: Etnomusicologia; Club Athletico Paranaense; Torcida de futebol; Músicas de torcida; Cultura torcedora.

Os jogos das identidades e o controle das emoções

O significado de ser um torcedor no Brasil tem sido estudado e conceituado continuamente. Para definirmos o que pode ser uma identidade da torcida do Club Athletico Paranaense (CAP), primeiramente precisamos entender o que é ser torcedor e o que está em jogo quando pensamos na realidade desse clube. O foco deste artigo é realizar uma primeira exploração sobre os agentes que performam os papéis sociais que chamamos de torcedores. Este artigo não possui a finalidade de analisar critérios técnicos das performances desses agentes enquanto músicos, compositores e cantores, mas sim de iniciar uma discussão sobre quem são eles e o que é possível observar dos usos das músicas enquanto um pilar estrutural de autoafirmação e poder simbólico no que tange a sua existência.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Antropologia Social, professor do curso de música popular da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. E-mail: allan.oliveira@unespar.edu.br

³ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. E-mail: felippes.camargo@gmail.com

Quando se pensa em uma partida de futebol, a torcida é um elemento indispensável e associado à paixão do esporte globalizado. Ao focar em meu objeto de pesquisa, a torcida do Athletico Paranaense, composta por mais de 550 mil torcedores, é possível identificar diversos grupos e subgrupos que compõem essa multidão que chamamos comumente de “torcedores” ou de “athleticanos”⁴.

Aqui, o mais importante, é compreender e questionar a constituição de algumas dessas identidades. De um lado do campo existem os torcedores e os públicos tipificados como “comuns” ou “não organizados” e também os sócio-torcedores, do outro lado, e por vezes do mesmo lado da arquibancada, encontram-se os Torcedores Organizados. Esses três grandes grupos, que são ramificados em vários outros menores, apesar de torcer para o mesmo time, não possuem necessariamente a mesma cultura e nem vivem de forma harmônica o tempo todo. Em um vídeo publicado, em maio de 2024, na rede social Instagram, um dos atuais líderes da Torcida Organizada (TO) Os Fanáticos (TOF), João Azevedo, líder de bateria da TO, critica os torcedores comuns, principalmente os que ocupam o espaço do estádio destinado a TOF, por não seguirem, e reproduzirem, os comportamentos da cultura imposta pela instituição. Fazendo duras críticas, João pede para que os torcedores não comprem ingressos no setor já que eles não sabem torcer como um associado da TO.

[...] De qualquer forma, Torcida Organizada é na boa e na ruim cara, pode estar “caindo o brejo”, entendeu? Torcida Organizada tem que agir o tempo todo. Outra coisa muito importante que queria falar hoje é o seguinte: a gente pode se reinventar, a gente pode tentar fazer diferente, pensar em coisas novas, mas sério... Com a galera atual no nosso setor não tem como. Não tem condições, a gente tá jogando... “chutando o balde”, tá ligado? É muita gente que não tem que estar ali. Me perdoe todo mundo. Eu respeito o direito de vocês estarem ali, liberdade, mas ali o setor da Fanáticos galera. É papo sério cara, cerca de 70% das pessoas que vão Buenos Aires inferior, hoje, não são integrantes da Fanáticos, e o Athletico é claro: o Athletico vende ali como setor da TO, setor da Fanáticos. Então ali a TOF precisa sim ditar o ritmo, ditar as regras, ditar inclusive o jeito de se torcer. É setor da TO. A partir do momento que você se organiza como Torcida Organizada, você tem que seguir a diretriz da TO. TO existe para apoio, para incentivo, para jogar junto na boa e na ruim. Cobrança

⁴ Levantamento realizado pela Paraná Pesquisas, em 2017, aponta que 31,2% dos moradores de Curitiba torcem para o clube. Considerando o número atual de moradores (segundo o IBGE), chega-se a esse resultado. Para saber mais, acesse: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/pesquisa-revela-que-torcida-do-athletico-ampliou-vantagem-sobre-a-do-coritiba-8l0fgdbewiztjj86czyzw4rwb/>

também? Claro. Com certeza. Óbvio que tem que ter cobrança de Torcida Organizada, mas é apoio o tempo todo. O tempo todo incentivando o furacão⁵. Cara, nós estamos vivendo um momento, hoje, não só na torcida do Athletico, em todas as torcidas, em todos os estádios do Brasil, salvo algumas exceções e em alguns momentos também porque tá todo mundo passando pela mesma coisa. Um bando de “anzol” em arquibancada de estádio de futebol, entendeu? A verdade é essa. Faz o que bem entendem. Não é assim. No estádio de futebol, você tem que ir para fazer o que tem que ser feito. A liberdade acaba, sua liberdade acaba, a partir do momento que você tem uma obrigação como torcedor, entendeu? Você vai para o estádio de futebol... Não é porque você tá pagando caro que você vai fazer o que você bem entende, principalmente em setor de Torcida Organizada galera. Entendam isso, beleza? Tamo junto, vamos por mais. Vamos adiante. Eu erro todo mundo erra, mas faça parte da mudança que você quer ver na nossa torcida, beleza? Tamo junto. Uma boa tarde para todo mundo. Bom fim de semana (Azevedo, 2024).

A partir dessa fala, é possível compreender um pouco sobre a diferença entre os grupos e, principalmente, que apesar da TO aceitar a presença de não associados em “seu” setor, eles não são bem vindos para torcer juntos pelo mesmo time. Essa disparidade de identidades de torcedores pode ser explicada de diversas formas. Uma delas é através da teoria de Stuart Hall, que estudou as mudanças nos pensamentos sobre o que entendemos ser uma identidade. Hall (2006) conceitua o indivíduo que vive num mundo em constante processo de globalização como um sujeito cuja “identidade é pós-moderna”.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

Através do conceito de Hall, podemos começar a compreender que a identidade não é algo único e imutável. A TOF “permite”, até porque não é ela que detém o direito ao veto, que um torcedor frequente o estádio e usufrua de sua “liberdade”, mas ela não gostaria que eles frequentem o seu território, mesmo que na prática eles não possuam um, já que a Arena pertence a instituição e não a TO. Porém, apesar da divergência comportamental entre os grupos, eles continuam coexistindo sem grandes conflitos. As

⁵ Apelido do Club Athletico Paranaense.

diferenças, por vezes, os separam, mas não são fortes o suficiente para romper essa relação em prol do time ou de si mesmos.

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele (David Harvey), são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” - isto é, identidades - para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados (HALL, 2006, p. 17).

Os fenômenos sociais manifestados pelo torcedor perpassam as representações das identidades pós-modernas e, também, simbolizam a manipulação e controle das emoções decorrente do processo civilizatório nas sociedades. O sociólogo Norbert Elias (1993), que tem entre seus estudos mais difundidos academicamente a tese sobre o processo civilizador, onde observou as transformações nos comportamentos dos indivíduos conforme o passar dos anos através de diversas manobras de controle das emoções que foram exercidas, majoritariamente, através de atos análogos a violência psicológica, ao, por exemplo, reprimir um comportamento ou emoção.

[...] o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. Mas, evidentemente, pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa “civilização”, pretendendo efetivá-la gradualmente através de medidas conscientes, “racionais”, deliberadas (ELIAS, 1993, p.181)

Este controle das emoções surgiu por diversos motivos, e entre eles, estão relacionados às necessidades de tornar a sociedade mais previsível e segura para a manutenção de poder político e hierarquização social.

Elias, junto com o seu contemporâneo Eric Dunning, pesquisador sobre a violência e comportamentos dos *Hooligans*, também contribuem no campo dos saberes sobre torcidas ao mergulharem suas atenções sobre o entretenimento⁶. Eles escreveram

⁶ O termo “hooligan” está associado normalmente aos torcedores da classe operária inglesa que, durante o século XIX, manifestaram-se de formas violentas em contextos envoltos do futebol. Apesar de ser costumeiramente associado à prática, e ritual, de torcer, existem outros motivos que proporcionaram a existência deste fenômeno, como, por exemplo, tensões culturais e também questões econômicas próprias das realidade dos operários que, com o passar do tempo, passou a ser um tema de interesse, e combate, do Estado.

sobre as ideias e práticas do “lazer” e como ele é utilizado dentro desse contexto de controle e repressão emocional durante as transformações culturais nas sociedades urbanizadas na Europa.

No livro “A busca da excitação” (1992), os pesquisadores discorrem sobre os conceitos do que é considerado uma atividade de lazer e, dentro desse espaço, como uma parte da sociedade, majoritariamente composta por homens, faz uso do futebol como uma ferramenta para diversos fins, entre eles, como um meio de desconpressão do estresse gerado no trabalho. No livro, o primeiro capítulo é dedicado a explicar a busca da excitação no lazer e, no discorrer do texto, os autores defendem a ideia de que determinados comportamentos sociais são esperados conforme o ser humano envelhece e que, principalmente, quando estes alcançam a fase adulta, espera-se que a pessoa já tenha consciência de que explosões emocionais não são bem estimadas na sociedade urbana europeia.

Nas sociedades industriais mais avançadas, ainda que esta situação não se tenha verificado no quadro das suas relações entre si, algumas das circunstâncias mais elementares de crise da humanidade, como a fome, as inundações, as epidemias e a violência efectuada por pessoas de condição social mais elevada ou por estranhos, foram submetidas progressivamente a um rigoroso controle, mais acentuado do que havia sucedido no passado. E o mesmo aconteceu com as paixões. Explosões incontrolláveis de forte excitação coletiva tornaram-se menos frequentes. Os indivíduos que agem de forma bastante excitada, sujeitam-se a serem conduzidos a um hospital ou a prisão. A organização social do controle da excitação individual, no sentido de conter excitações apaixonadas em público, e até em privado, tornou-se mais forte e mais efetiva. A comparação é significativa. Nas sociedades contemporâneas altamente desenvolvidas, os padrões de controle da excitação, tal como a excitação de uma maneira geral, podem parecer desequilibrados e reduzidos se considerados em si mesmos. A diferença só se revela com toda a nitidez quando se utiliza uma medida de comparação que os confronta com os padrões de controle das sociedades num estágio de desenvolvimento anterior (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 101).

Com o desenvolvimento da pesquisa, eles identificaram que a repressão dos corpos e sentimentos foi se tornando mais segmentada. Um adulto normalmente não seria bem quisto ao se expressar de forma acentuada, mas se fosse uma criança, não seria um grande problema, pois esperava-se e era aceito esse comportamento nessa faixa

etária, mas seria necessário que ela aprendesse a se portar de forma controlada e culturalmente adequada dentro de seu grupo social rapidamente.

Mesmo nas situações de grandes crises da vida privada dos indivíduos, quando ocorrem erupções repentinas de sentimentos fortes, estas escondem-se, de um modo geral, na intimidade do círculo mais íntimo. Rituais sociais e cerimônias de casamentos e funerais, por ocasião do nascimento das crianças ou da entrada na maioridade e situações semelhantes, dificilmente proporcionam já assinalável excitação pública como acontecia nas sociedades mais simples. Enorme medo e profunda alegria, acentuado ódio e extremo amor, terão de apresentar-se sob outra aparência. Só as crianças saltam e dançam com excitação, apenas estas não são censuradas de imediato como descontroladas ou anormais, se choram e soluçam publicamente, em lágrimas desencadeadas pelos seus sofrimentos súbitos, se entram em pânico num medo selvagem, ou se cerram os punhos com firmeza e batem ou mordem o odiado inimigo, num total abandono quando se excitam. Ver homens e mulheres adultos agitarem-se em lágrimas e abandonarem-se as suas amargas tristezas em público, ou entrarem em pânico dominados por um medo selvagem, ou a baterem-se uns aos outros de forma selvagem debaixo do impacto da sua excitação violenta, deixou de ser encarado como normal. Habitualmente é motivo de embaraço para quem assiste e, com frequência, motivo de vergonha ou arrependimento para aqueles que se permitiram ser dominados pela excitação. Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, a sua excitação (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 103).

No mesmo capítulo, os autores propõem uma primeira tentativa de categorização das principais atividades do lazer considerando o contexto de controle social. Os autores definem cinco subtipos, sendo que o futebol se encontra na 5ª opção, definida como “a categoria da atividade mimética ou jogo”. Esta denominação vai abranger outras atividades lúdicas como, por exemplo, o teatro e a caça. Durante a reflexão, Elias e Dunning defendem que essas atividades proporcionam um espaço seguro para que as pessoas possam externalizar suas emoções e, por um momento, ter a sensação de não precisar se restringir emocionalmente em meio ao convívio social, pois elas se sentem pertencentes ao grupo, logo, podem verbalizar e gesticular de formas mais espontâneas sem perder o respaldo e a aprovação de seus pares. Pensando na criação dos ritos e totens que simbolizam algumas noções de pertencimentos destes grupos de torcedores, se tornou necessário subdividi-los em três grupos para melhor analisarmos suas características.

Os athleticanos

O primeiro grupo, o sócio-torcedor, é dividido em três subcategorias (Black, Gold e Red), e representa o perfil mais valorizado institucionalmente. Ele é visto como o consumidor ideal: paga suas mensalidades e, em contrapartida, ocupa os setores com uma visão privilegiada do campo, sendo possível adquirir o direito de ter uma cadeira customizada com o seu nome. Os comportamentos esperados deste grupo são, de forma geral, o de apoio constante ao time e, principalmente, o de civilidade nas arquibancadas. Os sócios não se envolvem regularmente nos rituais da TOF, mas não é incomum presenciar alguns performando as músicas e danças da TO.

O segundo grupo, o dos torcedores comuns, representam os grupos de torcedores não associados ao clube e nem à TOF. Eles costumam ocupar os setores mais populares e são diversos em perfis e comportamentos: alguns apenas assistem ao jogo em silêncio, outros participam parcialmente dos cantos e gestos da TOF, por exemplo. Apesar de não exercerem grande influência no campo sonoro, a sua presença é importante para a atmosfera do estádio. No geral, eles vivem uma experiência mais particular e reservada, mas são igualmente vigiados e são menos valorizados institucionalmente e também pela TOF.

O terceiro grupo, Os Fanáticos (TOF), performam o que há de mais próximo de uma cultura de arquibancada “tradicional”: eles estão em todos os jogos, unidos, cantando, dançando, apoiando e/ou protestando dentro e fora do estádio. Em seus ritos, evocam uma tradição de arquibancada, articulam e performam comportamentos datados da década de seu surgimento, no final dos anos 1970. O conservadorismo nos costumes não está apenas em alguns dos comportamentos, mas também está, por exemplo, na moda. Apesar da instituição CAP utilizar uma nova logomarca desde 2018, a TOF, que possui a sua própria marca, mantém o brasão antigo do clube em algumas de peças⁷. É em meio a esses discursos, e práticas, que o grupo mantém ativa a sua cultura torcedora⁸. Entre os rituais exercidos pela torcida, ressalto as performances musicais, pois é através dela que a TO exerce o controle simbólico do campo sonoro do estádio

⁷ Acesse a loja oficial e conheça as peças oficiais da torcida:

<https://loja.torcidaosfanaticos.com.br/departamentos/Camisas/?srsltid=AfmBOorGxJaksPj-hxw2rtqBORE5qjkBN05dneENZzoxRprB73V39bxs>

⁸ Considero a cultura torcedora como o conjunto de práticas e representações relacionadas ao ato de torcer.

durante o todo o evento que envolve uma partida de futebol: a bateria começa a tocar antes da entrada dos jogadores e continua performando por minutos após o término da partida.

Em todos os setores do estádio, a música é um elemento presente, especialmente entre os membros da TOF, que a utilizam em seus ritos de pertencimento. O repertório musical da TOF é composto por dezenas de músicas, porém, somente 40 canções performadas no estádio foram registrados por diversos agentes no *site* Letras.mus, minha principal fonte de pesquisa para encontrar estas composições. Dos registros encontrados, segundo a categorização proposta por Toledo (1993), 19 canções focadas em incentivo, 13 de autoafirmação, 6 intimidadoras, 2 sem categoria clara e nenhuma de protesto. Apesar de não constar nenhum registro de música de protesto, elas existem e são performadas em situações específicas.

Em suma, a música exerce papel central na cultura torcedora do CAP, como uma expressão coletiva de pertencimento e de disputas. Ela transita entre os rituais da arquibancada, reforça vínculos e estabelece fronteiras simbólicas entre os diferentes grupos. Ao mesmo tempo, funciona como uma manifestação de disputa, seja entre torcidas rivais ou entre os próprios grupos internos da torcida. Através das letras, ritmos e performances, a música delimita territórios dentro do estádio. Assim, ela é usada não apenas para unir, mas também separar, tornando-se um marcador fundamental das tensões e alianças dos torcedores.

Conclusão

As comunidades, apesar de possuírem suas diferenças, coexistem. A TOF prega que para torcer com eles, é necessário possuir comportamentos e regras bem delineadas. Os demais torcedores frequentam o estádio com foco em torcer de forma mais livre e, por vezes, focada em se entreter no lugar de seguir algum comando de um líder. A coexistência permite o surgimento de diálogos nas arquibancadas e redes sociais. Ambos os lados possuem críticas, porém, ao se confrontarem com o “outro”, ou seja, com um time adversário, unem-se. Torcem, cantam e protestam juntos. Nem sempre em harmonia e nem sempre em sincronia, mas as multidões, mesmo podendo estar no limite

das suas diferenças, se unem no que é comum para a maioria: o amor ou o interesse pelo Athletico Paranaense⁹.

Nesses momentos, nem mesmo a intenção da TOF de preservar uma tradição de como é torcer, como uma espécie de “cultura nacional” (Hall, 2006), se sobressai aos diversos tipos contemporâneos de apoio dos demais. Quando os interesses alinham-se, a “tradição” e o contemporâneo unem-se em prol dos interesses coletivos daquele momento. Esses jogos de identidades entre os grupos simbolizam o conceito já apresentado de Hall (2006) e reforça que a identidade não pode mais ser restringida a uma característica de classe social ou etnia, mas sim aos interesses de cada indivíduo.

As trocas constantes, possibilitam novas conjecturas para os membros da comunidade. Se por um lado existe o medo da violência que alguns membros de TO's promovem, por outro lado, na Ligga Arena é comum observar parte dos torcedores cantando, dançando e torcendo com a TO, por vezes, no mesmo setor da arquibancada. Aos poucos, é possível que um torcedor casual se identifique com a TOF e, com as interações, se associe. Do outro lado, o posicionamento como TO e o controle da sonoridade do estádio permite aos Organizados um local de poder simbólico nas arquibancadas: são eles que ditam o que será cantado e o momento que os outros athleticanos devem cantar como forma de apoio ou crítica. O monopólio do som e de um setor da arquibancada, os evidenciam perante a todos os outros, inclusive, em relação à torcida adversária. Esse espaço permite que uma comunidade crie sua própria festa, mesmo que em um ambiente privado que, outrora, já tentaram retirar deles¹⁰. Então é possível pensar que através dessa espécie de caos, existem fluxos organizados que geram novas oportunidades para serem exploradas pelos torcedores e por agentes interessados como, por exemplo, patrocinadores que querem realizar ações de marketing com o público.

⁹ Vídeo com os minutos finais do jogo entre CAP x Atlético Mineiro, válido pelo Campeonato Brasileiro de 2024. Nesse relato é possível observar o apoio das torcidas ao CAP e o apoio entre as próprias torcidas quando a TOF (situada atrás do gol com a bateria, bandeiras e as caveiras) canta e os torcedores comuns dão seguimento a música, inclusive quando cantam que são os “Fanáticos”:

https://www.youtube.com/watch?v=2_sF3ML3wIE&ab_channel=FelipeCamargo

¹⁰ A relação do atual presidente, Mario Celso Petraglia, com a TOF é conflituosa e antiga. Ambos os lados já entraram em atritos diversas vezes e o presidente já comemorou publicamente a proibição da entrada de torcedores utilizando roupas e acessórios da Organizada na arena. Para saber mais, acesse: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/atletico-pr/petraglia-fala-de-vitoria-do-bem-contra-o-mal-sobre-organizada-emm76pncblefdu0bobjcrqxj/>

Hoje, um torcedor do Athletico, e talvez de outros times, passa a ser visto como um indivíduo ávido por entretenimento que busca através do futebol, um meio seguro para se expressar e se conectar com uma comunidade que só é possível ser aceito através de representações de signos que demonstram amor e respeito ao clube. Essa representatividade não se limita mais apenas ao estádio, ela pode ser feita na internet através das redes sociais e grupos online de torcedores, mas é no estádio que se espera encontrar, de um clube curitibano que almeja expandir sua marca a nível global, a maior expressão da identidade athleticana.

Referências

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador - Volume 2: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Por que xingam os torcedores de futebol? **Cadernos de Campo**, São Paulo, v.3, n.3, p. 20-29, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50573>. Acesso em: 05/09/2024.

Fontes

AZEVEDO, João. **Papo reto de arquibancada!**. Curitiba, 31/3/2024. Instagram: @joaoulândovski. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C7pZva0vXC-/igsh=MWpiOGpxOHFzbXR4cg%3D%3D>. Acesso em: 18 out. 2024.

RUDNICK, Fernando. **Pesquisa revela que torcida do Atlético ampliou vantagem sobre a do Coritiba**. Gazeta do Povo, 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/pesquisa-revela-que-torcida-do-atletico-ampliou-vantagem-sobre-a-do-coritiba-8l0fgdbewiztjj86czyzw4rwb/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS. **Acervo digital**. Letras, 2025. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/>. Acesso em: 05 jan. 2025.